



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**WIT: UMA PROPOSTA CRIATIVA PARA REPENSAR: VIDA E
MORTE**

Elias J. B. Binja*

“Wit” (agudez de espírito) é a primeira peça da dramaturga americana Margaret Edson (1961), produzida pela primeira vez em 1995, no South Coast Repertory Theater, em Costa Mesa, na Califórnia. Depois dessa estreia, várias outras encenações aconteceram em distintos estados até chegar no circuito off-Broadway, em Nova York em 1998, tendo permanecido em cartaz até 2000. Este ano (2012) reabriu uma curta temporada no começo do ano, que foi de janeiro à Março, em Nova York, no mesmo circuito. Nessa temporada a peça é estrelada por Cynthia Nixon, no papel principal como Vivian Bearing.

A peça deu a Margaret Edson vários prêmios, dentre eles o New York Drama Critics Circle, Drama Desk, Drama League, Dramatists Guild, Outer Critics Circle e o mais importante prêmio literário dos EUA: o Pulitzer Prize, na categoria teatro (Drama) em abril de 1999. A peça tem sido levada em vários continentes. No Brasil a peça estreou em 2000, como o título “Wit: Jornada de um Poema”, no teatro Leblon, no Rio de Janeiro, dirigida por Diogo Vilela e estrelada pela atriz Glória Menezes. Aqui, a peça já foi apresentada em distintas cidades e estados. Em 2001, a peça ganhou uma versão

* Elias J. B. Binja é Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura na U.P.M. Mestre no mesmo programa. Graduado em Filosofia pela U.P.M. Pós-Graduado Lato Censu em Teologia Urbana pelo C.U.F. Graduado e Teologia pelo C.U.F. Membro do grupo de Estudo de Criatividade na Ciência, na Arte e no Cotidiano.

televisiva, produzido pela HBO, tendo saído em vídeo pela FlashStar. Como filme, em inglês conserva o título “Wit”, e em português foi traduzido como “Wit: Uma Lição de Vida”, dirigido por Mike Nichols e Emma Thompson, não só interpreta o papel de Vivien Bearing, como também assina o roteiro.

A trama da peça e do filme gira em torno de Vivian Bearing (Emma Thompson) é uma professora universitária renomada que leciona poesia inglesa, é doutora em filosofia, especializada em poesia metafísica do séc. XVI e XVII de John Donne. Através do Dr. Kelekian (Christopher Lloyd), um oncologista famoso, Vivian toma conhecimento que tem um câncer de ovário, no quarto estágio de metástase avançado. Entretanto, por meio de sua assinatura do termo de responsabilidade, ela é submetida a um tratamento radical experimental, que resulta em diversos efeitos colaterais, pois que ela tinha pouquíssimas chances de cura. É durante o tratamento experimental que Vivian analisa existência, sua carreira exaustiva de estudante e profissional, suas reações à doença, o tratamento e as relações interpessoais nas distintas dimensões da vida: como filha, aluna, acadêmica, professora e paciente.

No hospital é assistida pelo Dr. Kelekian, que a semelhança do tratamento que ela dara aos seus alunos, é tratada sem qualquer preocupação com sua humanidade, mas só com a preocupação com os resultados das pesquisas a que foi submetida, os efeitos colaterais são tidos como irrelevantes, de pouca importância no tratamento. A paciente é vista apenas como um espécime, objeto de estudo. Em sua equipe de pesquisa, Dr. Kelekian conta com o médico residente Jason Posner (Jonathan M. Woodward), ex-aluno Vivian, que executa com brilhantismo as exigências e solicitações da pesquisa. Susie Monahan (Audra McDonald) é a enfermeira-chefe, que em sua simplicidade encarna a humanidade e dá alento a Vivian durante o cruel tratamento, vale dizer, é a única pessoa no hospital que a trata com humanidade os pacientes. Dá a Vivian o que ela recusou a dar aos seus alunos na Universidade.

O termo “Wit” que dá título à peça e ao filme, pela sua polissemia e não ter um termo equivalente na língua portuguesa, o torna tão ambíguo quanto possibilita diversas interpretações, em inglês e nas suas versões na língua portuguesa. “Argúcia” ou “Agudez de Espírito” que escolhermos como tradução do termo ou qualquer outro, não minimiza a força dessa ambiguidade que é explorada com propriedade no filme. A indagação com a qual nos deparamos e que mesmo quando termina o filme, permanece latente é: de quem é a argúcia, do filme, de Vivien Bearing, ou de John Donne? Em qualquer direção que se

escolha para responder a questão, a análise é em si fecunda. Marilita L. C. Castro, em sua análise do filme, explora a necessidade de “Agudez de Espírito” que Vivien Bearing devia ter que lhe foi propiciada na experiência no hospitalar, e não considera a agudez tanto do filme quanto de Donne. Simone S. Poletto, em sua dissertação de Mestrado, dá ênfase à argúcia na transição da peça de Margaret Edson ao filme de Mike Nichols, destacando a agudez, tanto da peça quanto do filme, mas ficam fora de foco a Vivien e Donne. Qualquer que seja o recorte que faça, a agudez de espírito aparece como nota toante nas distintas perspectivas do filme e da peça.

A mesma ambiguidade aparece nas suas versões na língua portuguesa. A peça: Wit: a Jornada de um Poema, embora sugerir que a ênfase esteja no Décimo Soneto Sagrado de Donne, a jornada vai muito além dele. Vivien, por exemplo, está no fim de uma jornada e aparece com extremo vigor nela. E a peça, parece combinar jornadas: de Donne e de Vivien, criando, desse modo, outra jornada, a própria peça. Por sua vez, o título dado ao filme em português: Wit: Uma Lição de Vida parece sugerir, no primeiro plano, que a vida de Vivien, fundamentalmente no seu último estágio, tem algo a nos ensinar. Mas, o quê? Qual é a lição que nos passa? Talvez a força evocativa desse último estágio nos ensina uma lição indizível. Mesmo que assim fosse, ainda teríamos que nos perguntar acerca da mesma. Mas o filme em si é uma lição à parte, quando consideramos a transposição da peça, a combinação de distintas experiências de vida que forma o enredo no mesmo, as temáticas que põe em debate, e a desconstrução da mitificação a que a morte foi submetida. Assim, se a peça elucida o filme, o contrário também é verdade, mas temos boas razões para afirmar que se a peça é complexa, o filme é ainda mais.

No filme é possível fazer uma triangulação definida por: São Sebastião, John Donne e Vivien Bearing. Vivien aparece como a personagem principal e está no primeiro plano do filme como protagonista de todo enredo. Donne define o fio condutor do enredo, dá subsídio teórico-teológico da temática da morte, que Vivien tem de enfrentar como última experiência. E São Sebastião, o santo da Igreja Católica, aparece no terceiro plano, como pano de fundo, parecendo até insignificante e irrelevante no enredo. Embora não esteja presente nos diálogos, em nenhum momento é citado, está no filme figurativamente, na sala da professora Evelyn E.M. Ashford (Eileen Atkins), em uma grande tela na parede. Esta presente como um porta retrato no criado-mudo no quarto do hospital de Vivien Bearing, contrastando sempre com a tela da TV que está sempre

desligada. Essa triangulação nos remete a profundidade, não só da transitoriedade da existência, mas principalmente ao papel do sofrimento na vida.

Se São Sebastião (256-286), por sua fé é duplamente martirizado durante a perseguição aos cristãos, a mando de Deocleciano imperador de Roma. Segundo Campos (2001), Sebastião alistou-se no exército romano por volta de 283 d.C. com o propósito de consolar e de afirmar fé no coração dos cristãos, enfraquecido diante das torturas durante as perseguições de Diocleciano e Maximiano. Era querido por ambos que o tinham sempre próximo, ignoravam, no entanto, o fato de ele ser um cristão, e o designaram capitão da sua guarda pessoal. Em 286, chega ao conhecimento do imperador Deocleciano que Sebastião era cristão, imediatamente foi julgado e condenado sumariamente como traidor. Ordenou a sua execução por meio de flechas. Dado como morto, foi atirado no rio, porém, Sebastião não havia falecido. Ajudado por uma mulher de nome Irene. Recuperado, apresentou-se novamente a Diocleciano, que ordenou então que ele fosse espancado até a morte, e seu corpo foi jogado no esgoto público de Roma.

Por sua vez, John Donne (1573-1631), deão da Catedral de São Paulo, a maior igreja de Londres, o mais eminente poeta metafísico inglês de sua época, por sua fé enfrentou três ondas da Grande Peste ou Peste Bubônica que matou cerca de Cem mil ingleses. Recusou sair da cidade para cuidar de seus irmãos e “ovelhas” acometidas pela doença e não tardou para que os primeiros sinais da doença se manifestassem em seu próprio corpo.

Era a peste, disseram os médicos. Ele tinha pouco tempo de vida. Por seis semanas, ele esteve à beira da morte. Os tratamentos prescritos eram quase tão violentos quanto a própria doença: sangramentos, cataplasmas tóxicos, aplicação de víboras e pombos para remover os vapores maléficos. (Yancey, 2004, p.217)

Foi durante esse período obscuro que produziu boa parte dos textos que aparecem no filme, em que convencido que morreria, trava a luta feroz com Deus, e é incisivo sem ser blasfemo, profundo sem ser abstrato ou impessoal. Ele reflete a dor, o sofrimento e a morte enquanto nutre a sua fé.

Isso reverbera para Vivien, na forma de uma interrogação: O que consome ou está consumindo a sua vida? No caso de Sebastião e Donne, a fé é dedicada a Deus e as atitudes à humanidade, quando em Vivien a fé e as atitudes são dedicados à ciência e a academia respectivamente, em detrimento tanto de Deus de que foge e da humanidade

que evita. Ou seja, até onde a dedicação à ciência e a academia implica necessariamente opor-se a Deus e a humanidade? Desta feita, o *fleshback* que Vivien nos mostra, explicita a sua crise e tensão existencial com a finalidade de dar uma resposta a essas perguntas.

Na triangulação, Sebastião, Donne e Bearing, os nomes contribuem significativamente na estruturação do enredo. Se o nome Sebastião, deriva do grego [*sebastós*] que significa: divino, venerável. John Donne: se considerarmos que o primeiro nome é uma variante hebraica de [*Joh*], que significa “meu Senhor” e o segundo uma variante do participio passivo do verbo fazer em inglês [To Do – *Done* - feito], aponta para agência Divina. Por seu turno, Vivien deriva do radical latino [*vivi* – vivo] e Bearing que vem do verbo [to bear – suportar, sofrer], que sugerem o “carregar ou suportar uma vida”. A tensão se instala na ambiguidade na relação entre o nome e o modo como se vive. E isso deixa a implícita sugestão de que se a fé possibilita a agência Divina no ser humano, que o torna mais humano, o contrário resulta no embrutecimento desumano e desumanizante. Vivien é, pela doença, compelida à transição da desumanização à humanização; da arrogância à humildade; e, do convívio com os mortos dos livros acadêmicos à relação intersubjetiva com a pessoa simples da enfermeira: Susie Monahan (Audra McDonald).

O filme é, em muitos sentidos, criativo, sagaz e arguto. Evita tanto quanto pode a linearidade histórica e narrativa, tendo como desafio explicitar os fatos marcantes da vida inteira de Vivien Bearing, nas suas duas últimas horas de existência. Tendo como ponto central, o quarto, no hospital universitário, cria espaços mentais da protagonista, que uso o *fleshback* como recurso para transportar o espectador para os mais variados momentos de sua vida: passado, presente e futuro. E com os olhos fitos frontalmente para a câmara, Vivien se dirige para o espectador, convidando-o a ser coator e participante de sua história e suas aflições no hospital, durante os oito meses de tratamento. Com a introdução do espectador no elenco do enredo, Vivien, a protagonista/narradora, vai se dirigir a ele com gestos, olhares e falas, para torná-lo cúmplice intencional do enredo, fazendo-o, desse modo, a personagem secundária de sua história. De espectador, somos levados a ser confidentes de Vivien Bearing em sua solitária trajetória para a Morte.

Vivien é narradora/personagem e nós seus confidentes/personagens. Ela nos conduz e reflete conosco certos acontecimentos e sofrimento que constituem ao mesmo tempo, seu tempo de vida e do filme. Deste modo, somos levados do consultório do Dr. Kelekian (Christopher Lloyd), quando dá o diagnóstico, à sala da professora/orientadora

E.M. Ashford (Eileen Atkins); da infância com o pai, quando descobre o valor das palavras, à universidade como aluna; da sala de aula como professora renomada, ao quanto de isolamento, tentando convencer seu ex-aluno Dr. Jason Posner (Jonathan M. Woodward) a não fazer o que ela fez, trocar as pessoas pelos livros.

O filme propõe criativamente a reflexão da finitude da vida, a partir da ideia da transitoriedade dos sentimentos, experiências e realizações. Ao fazê-lo, levanta uma diversidade de temas para discussão: os padrões inflexíveis da vida acadêmica, a superficialidade das relações profissionais nos distintos ambientes: professor/aluno, médico/paciente, etc. Grosso modo, ficam em pauta dois processos: aqueles que desumanizam, versus, aqueles que humanizam. Se Vivien é desumanizada no processo acadêmico exaustivo que a tornou não só especialista na poesia metafísica de Donne, como também tão inflexível, arrogante, intolerável com os simples padrões humanos: desumana. Mas foi durante as suas duas últimas horas de vida, com ajuda de Susie, a enfermeira de pouca instrução formal, que ela encontra e aceita o calor humano de que tanto necessitava. É com Susie que ela também aprende o valor das coisas simples, como o riso espontâneo, do picolé, dos gestos de carinho e solidariedade. Com isso, Vivien se permite chorar, expressar sua confusão e medo da morte, e prepara-se para enfrentá-la com simplicidade e leveza de espírito.

Vivien, a princípio arrogante e senhora de si, é destituída de todas as suas certezas pelo intenso sofrimento e solidão que enfrenta no hospital. Ela, que diante da doença adota, a princípio, uma postura impessoal, vê-se forçada a abandonar essa atitude “científica” e “racional” diante da morte: agora a morte que não é mais uma possibilidade abstrata, presente no tema das poesias metafísicas de Donne que a acompanharam durante a vida, mas é a sua própria morte, concreta, iminente (que a desperta). (Leão, 2004, p.168. Grifo nosso)

A vida de Vivien, por sua escolha: a morte nos livros, em vez da vida das pessoas, perdeu muito do seu brilho e intensidade humana, mas sofre uma mudança radical nas duas últimas horas: escolheu viver intensamente a morte. E a inserção do espectador, como confidente, no enredo do filme, possibilita reconhecer a preocupação da protagonista/narradora, de salientar que o que fez não foi o melhor, vale dizer, “não faça o que fiz para que não venha a se arrepender depois”. Isso fica expresso em suas palavras depois de uma tentativa para mostrar que o Dr. Jason Posner, seu ex-aluno, que estava trilhando o mesmo que o dela: “Então o jovem médico, assim como a professora titular, prefere a pesquisa à humanidade. Ao mesmo tempo, a professora titular, no seu papel

patético e simplório de vítima, deseja que o jovem médico tenha maior interesse em um contato pessoal” (Edson, 2000, p.81).

O filme exerce uma força evocativa que nos compele a reflexão de assuntos “manjados”: Vida e Morte, de forma criativa. O uso acertado da ironia, do paradoxo e da dialética, torna o assunto denso da Morte tão palatável quanto digestivo. Mas não deixa de tingir e atingir o espectador com a perplexidade de que muito do que se chama Vida, não passa de morte existencial, e ao que parece Morte, na verdade, ser apenas uma Virgula, que separa a Vida da Vida eterna. Se “Wit” é “Uma Lição de Vida”, com certeza ela se resume em: “quem não se humilha na vida, a vida se encarregará de humilhá-lo”. Em seu último apelo, o filme sugere que vivamos com intensidade, para depois enfrentarmos a Morte com grandeza, porque Existir é Poder Ser, na Vida ou/e na Morte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPOS, José Freitas. **São Sebastião: novena biográfica**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CASTRO, Marilita L. C. **Análise do filme Wit**. Disponível In: <http://www.psiconica.com/psimed/files/analisedofilmwit.pdf>. Acesso em 25/10/2012

DONNE, John. Sonetos de Meditação. Tradução de Afonso F. De Sousa. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985.

EDSON, Margaret. Wit: Jornada de um poema. Tradução de José Almino. São Paulo: Peixoto Neto, 2000.

LEÃO, Liana de Camargo. Aspectos Formais e Temáticos em Wit: jornada de um poema, de Margaret Edson. In: AQUINO, Ricardo B. e MALUF, Sheila D. (Orgs.). *Dramaturgia e Teatro*. Maceió: Edufal, 2004.

POLETO, Simone S. **Transposição Midiática: do texto de Margaret Edson ao filme de Mike Nichols**. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária. Centro Universitário Campos de Andrade. Curitiba, 2011.

YANCEY, Philip. Alma Sobrevivente. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.